

A RELAÇÃO DE NECESSIDADE ENTRE O ATO DE PERCEPÇÃO E A ATENÇÃO NO ITINERÁRIO DE EDMUND HUSSERL

[THE RELATIONSHIP OF NECESSITY BETWEEN THE ACT OF PERCEPTION AND ATTENTION IN
EDMUND HUSSERL'S ITINERARY]

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira¹
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

RESUMO: Com o objetivo de avançarmos a nossa investigação sobre a relação que se estabelece entre os atos de percepção e a atenção abordamos nesse artigo algumas Husserlianias pouco conhecidas no Brasil. Dentre elas, destacamos considerações importantes de Husserl nas obras: (i) *Percepção e Atenção* (*Wahrnehmung und Aufmerksamkeit*); e, (ii) *Análises sobre a síntese passiva* (*Analysen zur passiven Synthesis*). O objetivo é acrescentar a perspectiva genética posterior sobre o ato de percepção e a atenção. Por essa razão, elucidamos pontualmente aspectos significativos com a intenção de explicar: (i) a síntese de preenchimento [*Erfüllungssynthese*] e (ii) a função da apercepção [*Apperzeption*] no ato perceptivo.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção; Atenção; Preenchimento; Gênese passiva; Fenomenologia genética

ABSTRACT: In order to advance our investigation into the relationship between acts of perception and attention, we address in this article some little-known Husserlian women in Brazil. Among them, we highlight important considerations of Husserl in the works: (i) *Perception and Attention* (*Wahrnehmung und Aufmerksamkeit*); and, (ii) *Analyses on passive synthesis* (*Analysen zur passiven Synthesis*). The goal is to add the later genetic perspective on the act of perception and attention. For this reason, we point out significant aspects with the intention of explaining: (i) the fulfillment synthesis [*Erfüllungssynthese*] and (ii) the function of apperception [*Apperzeption*] in the perceptual act.

KEYWORDS: Perception; Attention; Fulfillment; Passive Genesis; Genetic phenomenology

INTRODUÇÃO

Husserl lembra-nos na Husserliana XXXVIII, *Percepção e Atenção*, que muitos foram os acréscimos as *Investigações Lógicas* (*Logische Untersuchungen*) e que parte destas reformulações podem ser encontradas na referida obra. Nesse volume, Husserl, mais uma vez, afirma a importância fenomenológica dos atos fundantes da percepção (doação originária). Além disso, o autor esclarece que é necessário iniciar a análise descritiva fenomenológica a partir desses atos, pois “a percepção é um conceito suficientemente simples” (HUSSERL, 2004, p. 7). Ela nos proporciona um pressuposto possível.

Para tanto, Husserl sugere que dentre as peculiaridades essenciais da percepção, num primeiro momento da análise, devemos desconsiderar provisoriamente, “por uma questão de simplicidade” (HUSSERL, 2004, p. 8), a

¹ Doutoranda e Mestre em Filosofia Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: isabela.carolinacarneiro@gmail.com

temporalidade da percepção, porém, observa-se que a maior parte dos exemplos utilizados por ele são temporais, como se segue:

[...] eu vejo uma casa, eu vejo um pássaro voando, as folhas caindo, eu também vejo a cor da casa, a forma do telhado, o movimento da folha, eu ouço o farfalhar das árvores, eu ouço uma nota de violino ou uma melodia, eu ouço o violinista ou o cantor recitando a melodia, e também com os outros chamados ‘sentidos’ [*Sinnen*]. Nós percebemos as coisas em repouso e certos aspectos das coisas, nós também percebemos mudanças, movimentos, em processos curtos (HUSSERL, 2004, p. 8).

A percepção, como fica evidente a partir desses exemplos, é um termo relativo e possui uma dupla relação: (i) a percepção é uma vivência do ego que percebe e (ii) a percepção está relacionada a um objeto percebido (cf. HUSSERL, 2004, p. 8). O que sobretudo é aqui destacado se impõe na relação (ii), entre o ato perceptivo e o objeto percebido.

Naquilo que se destaca em (ii), voltaremos a nossa atenção nesse artigo, especificamente, para o ato perceptivo e a sua relação com o objeto intencional. Há algo de peculiar no ato perceptivo, apenas nele nos relacionamos com o objeto ele mesmo ou ele próprio em pessoa [*in eigner Person*]. Quando percebemos um objeto, fenomenologicamente, temos que a percepção de um objeto não pode consistir em que o objeto seja percebido como algo secundário ou próximo a ele, pois a percepção é inerente àquilo que apreende². A partir disso, numa análise aprofundada, devemos discernir: (i) o conteúdo real [*reell*] da percepção (aquilo que a percepção contém fenomenologicamente, realmente como componente, como parte) e (ii) o objeto que aparece e é significado intencionalmente (o objeto ele próprio e as suas faces ou lados nas múltiplas seriações perceptivas).

1. O ATO DE PERCEPÇÃO

Husserl (1966, p. 324) afirma que, “a percepção é a consciência originária” [*Wahrnehmung ist Originalitätsbewußtsein*]. Nesse sentido, o autor considera que o caráter sintético da percepção deve ser apontado como um de seus fundamentos essenciais. O conceito fundamental para uma análise fenomenológica da percepção é o de aparição [*Erscheinung*]. Tomada como pura doação fenomenológica, a “aparência” não deve ser entendida como uma imagem na consciência. De acordo com Rudolf Bernet, em termos *noéticos*, isso significa que, “cada aparência sucessiva de uma coisa é um ato intencional parcialmente cumprido, uma combinação do conteúdo perceptivo puro” (BERNET, 2005, p. 164). Numa formulação *noemática* equivalente, o que aparece como tal é uma “doação intuitiva, necessariamente cercada por um horizonte de possíveis doações intuitivas de um mesmo objeto” (BERNET, 2005, p. 164-165).

Ademais, a estrutura fundamental do processo perceptual é a temporalidade

2 De acordo com os apontamentos de Bernhard Rang (2005, p. 133), “o conceito de auto-doação do que se entende na percepção é assim claramente definido. Fala-se de doação sempre que o dado intuitivamente ‘se-dá’ ‘identicamente’ ao que se quer dizer objetivamente, não como seu mero representante, mas como ele mesmo”.

e a duração desse ato como um *Kontinuum*, no qual ocorre um fluxo de aparências, unindo a multiplicidade de aparências sempre renovadas. Bernet sugere que, ao tentarmos caracterizar a continuidade dessas aparências como um processo de preenchimento [*Erfüllung*], isso implica numa teleologia da antecipação [*Erwartung*], em que o objeto percebido é continuamente confirmado e mais completamente determinado³. Contudo, “a percepção de uma coisa é um processo interminável de preenchimento [*fulfillment*]” (BERNET, 2005, p. 166). Nesse sentido, algo deve ser acrescentado, a saber, como nos mostra Marc Richir (2010, p. 192), “fenomenologicamente, permanece, em qualquer visada a um objeto, uma parcela de indeterminação originária e não objetiva que abre precisamente em ziguezague as análises *noético-noemáticas* husserlianas”⁴.

Ao falarmos sobre as múltiplas seriações perceptivas, direcionamos a análise para outro tema fundamental, a possibilidade de identificação que aqui se fundamenta, na qual uma consciência de identidade da coisa as funde e nos dá a consciência do “mesmo” objeto. Assim, temos a evidência de que as diferentes seriações perceptivas realmente se referem e significam o objeto como exatamente o mesmo, igualmente definido, uma vez que a síntese de identificação se baseia na continuidade daquilo que aparece (cf. HUSSERL, 2004, pp. 16-17, 38)⁵.

Na unidade significativa das múltiplas percepções, enquanto uma síntese

3 Como nos esclarece Serge Valdinoci (1979, pp. 169-182), “a fenomenologia carrega normativamente um único *têlos*: realizar a filosofia” ou como acrescenta Derrida ([1990] 2004, p. 252), “a ideia de filosofia como *têlos* infinito”. A partir disso, temos que a fenomenologia husserliana implica uma fundamentação objetivante do significado, para com isso, trazê-lo ao óbvio. Quando Husserl se engaja com a ressignificação dos conceitos, a fenomenologia husserliana se dá na busca de uma unidade que regule sua posição frente ao passado e ao futuro da história da filosofia. Portanto, o fundamento científico da fenomenologia impõe a ela uma coesão interna sem a qual a questão da unicidade do telos fenomenológico não surgiria. O ideal de adequação entre os atos intencionais objetivantes significativos e intuitivos aponta não apenas para a realização dos primeiros, mas também para a ideia na qual os atos intuitivos ao preencherem os significativos de dentro da fenomenalidade teleológica, sua origem e seu fim, pressupõe, essencialmente, a estrutura da significação, do sentido e da intencionalidade (cf. TROTIGNON, 1979, p. 313).

4 *Sobre esse método dialético do “ir e vir” em Husserl, Derrida ([1990] 2004, p. 264) acrescenta que, “não nos resta mais nada a fazer: devemos avançar e retroceder em ‘ziguezague’ [...]. Se esse método do ziguezague é essencial e indispensável, é porque no momento em que alcançamos a fonte constituinte mais original, o constituído sempre já está aí”.*

5 Husserl ([1901] 1921, 1975, p. 136) afirma que, “o momento da síntese não produz nenhuma espécie de ligação direta dos representantes-apreendidos que pertencem aos atos fundamentais, mas que, por exemplo, a forma fenomenológica da identificação se fundamenta essencialmente nos atos fundantes como tais, e, portanto, naquilo que estes atos são e no que eles contêm, para além dos seus conteúdos representantes-apreendidos. [...] A identidade, por exemplo, não é imediatamente uma forma de unidade de conteúdos sensíveis, mas uma ‘unidade de consciência’, que se fundamenta em uma outra consciência (‘repetida’ ou diferente em conteúdo) de um mesmo objeto” (*Ibid.*, p. 137). Portanto, é válido destacar que o momento objetivo da síntese de identidade não é um ato nem uma forma de ato, ele é uma forma categorial, pois se refere ao estado de coisas visado. Sobre este tema, ver também os §§ 8, 47, 56 e 57 da *Sexta Investigação Lógica (Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis)* e o Apêndice IV da Hua XXXVIII, *Percepção e Atenção (Wahrnehmung und Aufmerksamkeit)*, pp. 197-198.

contínua e progressiva, Husserl aponta no § 12 da obra *Percepção e Atenção*, que a seriação perceptiva de um mesmo objeto pressupõe sequência temporal e duração. Há nessas percepções, “perpetuamente conectadas”, um todo percebido, uma unidade fenomenológica. Contudo, essa síntese de percepção, na qual percepções se fundem umas nas outras, a partir do momento em que eu, por exemplo, giro um cubo em minha mão⁶, apenas é concebível enquanto uma fase de uma síntese continuamente temporal⁷. Como nos mostra Husserl,

as percepções não estão lado a lado isoladas, elas estão fundidas na unidade de uma consciência perceptiva de objeto [*wahrnehmenden Gegenstandsbewusstseins*]. Essa consciência de objeto unificada [*einheitliche*] não experimenta [*erfährt*] uma ruptura a cada passo, a cada mudança contínua na percepção. [...] Graças a essa consciência unificada, o objeto não é apenas o mesmo na efetividade [*Wirklichkeit*] ‘objetiva’ em todas as fases do ato [*Aktphasen*], mas, seja ele objetivamente efetivo ou não, ele nos aparece [*erscheint*] continuamente [*kontinuierlich*] como o mesmo [*derselbe*] (HUSSERL, 2004, p. 45).

Na unidade dessa “sequência perceptual” as múltiplas seriações perceptivas parciais estão amalgamadas e formam a unidade da percepção que se realiza em um fluxo, pois, a “consciência perceptiva está em constante fluxo” (HUSSERL, 2004, p. 52)⁸. Esse estado de coisas fenomenológico deve ser visado a partir do todo, no qual as percepções estão fundidas no todo contínuo, visto que “o todo contínuo é fragmentável, mas não fragmentado” (HUSSERL, 2004, p. 63. Ver a nota 3). Contudo, conforme mencionamos anteriormente, as fases da percepção formam uma continuidade temporal, pois em cada fase há uma certa duração. Nesse caso, como nos esclarece Husserl, trata-se de uma mera abstração a percepção que não é temporalmente estendida (cf. HUSSERL, 2004, pp. 63-67).

2. A PERCEPÇÃO NUMA PERSPECTIVA GENÉTICA POSTERIOR E A FUNÇÃO DAS APERCEPÇÕES

- 6 A percepção de uma das faces do cubo implica na apercepção [*Apperzeption*] das outras cinco faces. A apercepção é a vivência intencional na qual temos consciência de algo co-presente que não se mostra por si mesmo, mas que se enlaça com o presente (atualidade) da percepção (cf. WALTON, 2015, p. 125). Portanto, “o apercebido nunca pode ser dado como tal, mas apenas nas respectivas percepções atuais” (HELD, 1972, p. 19).
- 7 Por outro lado, Husserl utiliza como exemplo de percepção monofásica, na qual não existe seriação perceptiva, ou seja, quando há apenas uma fase perceptiva, o relâmpago que ilumina de repente a noite escura e trovejante (cf. HUSSERL, 2004, p. 44. Ver também as notas 1 e 2 da mesma página). Contudo, uma percepção não pode ser meramente uma percepção do que é agora; em vez disso, qualquer percepção da fase presente de um objeto inclui uma retenção da fase “apenas-passado” [*just-pass*] e uma protensão da fase do objeto prestes a ocorrer (cf. ZAHAVI, 2010, p. 322).
- 8 Como nos mostra Husserl ([1901] 1921, 1975, p. 119), “o processo contínuo de percepção também se revela, numa análise mais exata, como uma fusão de atos parciais num único ato, e não como um ato propriamente dito, fundado em atos parciais”.

Husserl descreve estaticamente a duração do processo perceptual em um *continuum* de “pontos-agora” sempre renovados. Temos a partir disso um processo sintético ocorrendo dentro do fluxo de aparências que unifica as múltiplas aparições. Nesta perspectiva, o aspecto genético explicativo ainda não está presente. No entanto, é válido acrescentar que por uma questão de simplicidade adotamos inicialmente a análise descritiva estática e tentamos *a posteriori* explicá-la tematicamente desde uma perspectiva genética.

No contexto daquilo que foi apresentado neste artigo sobre o ato sintético da percepção, observamos que a fenomenologia estática é formalmente apresentada aqui como uma descrição fenomenológica em que lhe é atribuída, principalmente, uma tarefa - a descrição da correlação *noético-noemática* entre a consciência e os seus objetos, assim como os modos de aparição desses objetos. Por conseguinte, como nos mostra Elmar Holenstein, a fenomenologia estática se “esgota” na consideração das relações *noéticas* nas quais se constituem relações *noemáticas*, objetos e significados, bem como as várias relações entre eles.

Ademais, é necessário destacar que nomeamos como fenomenologia estática a análise fenomenológica que investiga a correlação entre a consciência constituinte e a objetividade constituída (cf. HOLENSTEIN, 1972, p. 26). Nesse sentido, o que está envolvido aqui é uma “estratificação” [*Schichtung*] puramente estática, uma “ordem teleológica de fundação” [*teleologische Fundierungsordnung*] na qual o nível superior repousa no nível inferior. Dito isto, temos que a relação fundacional existe correlativamente nos atos *noéticos* da consciência e nos conteúdos dos atos *noemáticos*. Isso significa: o que é essencialmente dependente necessita de algo a mais para sua existência. Essa inter-relação entre fundante e fundado nos moldes das *Investigações Lógicas*, é uma relação ideal e não um mero nexo causal, em que o nível inferior (percepções simples) produziria causalmente o próximo nível superior de constituição (cf. HOLENSTEIN, 1972, p. 27).

É válido acrescentar que Husserl tentou conciliar a ideia de uma subjetividade originalmente temporal com a ideia de uma história genética secundária e constituída. A alternativa que nesse contexto ganha toda acuidade depõe a respeito da busca por uma temporalidade originária que estaria em contradição consigo mesma no caso do abandono da história genética (cf. DERRIDA, [1990] 2004, p. 113). Além disso, “o desvelamento da síntese passiva na constituição temporal do ego e da intersubjetividade foi o desvelamento do homem originalmente apanhado em seu ambiente histórico” (DERRIDA, [1990] 2004, p. 247). Assim, a fenomenologia da gênese constitutiva de cunho genético remete à história [*Geschichte*] necessária dessa objetivação e, portanto, à história do próprio objeto como objeto de conhecimento possível. A proto-história [*Urgeschichte*] desses objetos remete aos dados hiléticos e aos objetos imanentes em geral, ou seja, à sua gênese na consciência originária do tempo [*ursprünglichen Zeitbewußtsein*] (cf. HUSSERL, 1966, p. 345).

Simultaneamente, temos que a fenomenologia genética [*genetische Phänomenologie*], também chamada de fenomenologia explicativa [*erklärende Phänomenologie*] para distingui-la da estática descritiva, explica, portanto, a “constituição” do objeto *noético-noemático* descrito estaticamente (cf.

HUSSERL, 1966, pp. 340, 342ss)⁹. Assim, podemos observar juntamente com Holenstein que, ocorre uma “sobreposição”, pois, Husserl não separou a fenomenologia estática e genética uma da outra. Ao contrário, a análise estática possibilita antes de tudo a genética, e o esclarecimento da gênese das estruturas estáticas em questão. Contudo, o objeto da fenomenologia estática só pode ser descrito “excluindo os problemas genéticos” (HOLENSTEIN, 1972, p. 28).

A grande questão que aqui se impõe, na perspectiva que compartilhamos com Holenstein, seria: como pode ser possível uma apresentação estática de algo tão intrinsecamente genético como a consciência?

Com a intenção de pontuar alguns dos acréscimos que a explicação genética nos apresenta, podemos notar que no ato perceptivo muitas das vezes não nos limitamos a um único objeto e que este possui como horizonte o mundo. Além disso, temos que a síntese contínua que relaciona a multiplicidade de aparências se dá passivamente. Resta-nos acrescentar que, cada nova aparição já é antecipadamente motivada pela aparição anterior. O objetivo aqui é o de melhorar a doação intuitiva do objeto aparente e, assim, melhorar nosso conhecimento sobre ele. Essa motivação não se dá de modo arbitrário, ao contrário, as aparências possíveis estão estruturalmente interligadas com a aparição atual do objeto por uma questão de similaridade e contiguidade. Aqui o interesse é fundamental, pois ele afeta o curso da doação do objeto, uma vez que ele é direcionado, por assim dizer, a certas aparências. O desempenho desse interesse é essencialmente co-determinado pela possibilidade de conhecer continuamente o objeto percebido e, em última análise, o ideal de doação cada vez mais perfeito do objeto percebido (cf. BERNET, 2005, pp. 165-167).

Além disso, as apercepções [*Apperzeptionen*] são fundamentais à explicação genética da percepção, pois elas são vivências intencionais da consciência. Se retomarmos o exemplo apresentado anteriormente em que eu vejo um cubo e posso girar este cubo em minhas mãos, acrescentamos o seguinte exame que se fundamenta no método genético, a saber, estamos conscientes da face do cubo percebida e das faces do cubo que não são percebidas em si mesmas, mas apercebidas, uma vez que estas se referem às faces que não foram percebidas diretamente, mas indiretamente, pois na unidade da percepção do cubo as outras faces estão aperceptivamente conscientes, e na mesma consciência. As faces apercebidas se referem às percebidas, assim como as faces percebidas estão se referindo umas às outras. Dito de outra maneira, nas apercepções essas faces co-percebidas estão auto-dadas naquelas que foram percebidas.

É válido destacar que percepções e apercepções se dão no mesmo fluxo de consciência e isso significa, essencialmente, que as apercepções transcendem seu conteúdo imanente na medida em que as faces apercebidas do cubo necessitam não apenas das faces percebidas, mas também, idealmente, da

⁹ A grosso modo, podemos dizer que a fenomenologia genética se propõe explicar: (i) o desenvolvimento genético da passividade; (ii) o envolvimento do ego e as relações entre atividade e passividade; (iii) a sensibilidade secundária e o substrato das habitualidades; (iv) a individualidade e a multiplicidade das mônadas interligadas geneticamente; (v) a compreensão monadológica do mundo; e, (vi) a relação entre a minha passividade e a passividade alheia (cf. HUSSERL, 1966, pp. 342-345).

síntese de preenchimento [*Erfüllungssynthese*] e da consciência de antecipação futura enquanto uma possibilidade de continuação entre aquilo que é percebido e apercebido. Percepção e apercepção são entendidas aqui como dois lados de uma mesma coisa. Entretanto, a apercepção, segundo Husserl, é um conceito “extraordinariamente amplo” (HUSSERL, 1966, p. 337).

Se considerarmos a importância fenomenológica da motivação, temos que “toda motivação é apercepção” (HUSSERL, 1966, p. 337), como nos esclarece Husserl, a ocorrência de uma “vivência A” motiva uma “vivência B” na unidade da consciência; a consciência de A está preparada com uma intenção que aponta e “indica” essa coexistência [*Mitdasein*]. Assim, quando eu vejo uma outra face do cubo o preenchimento das intenções vazias ocorre, há aqui uma motivação atual que se realiza. Mas ainda é preciso dizer: toda intenção não preenchida [*jede unerfüllte Intention*], assim como, todo horizonte não preenchido [*jeder unerfüllte Horizont*] contém motivações enquanto uma potencialidade para os preenchimentos futuros das faces do cubo que ainda serão visadas, como se a apercepção motivasse o vazio não preenchido das faces que não foram “vistas”, nesse sentido ela é em si mesma uma motivação para todos os momentos em que giro o cubo em minhas mãos.

A consciência aponta para novos modos de aparência que, à medida que aparecem, apresentam-se em parte como confirmações e preenchimento. Aquilo que está aparecendo é enriquecido em si mesmo. Além disso, o horizonte vazio [*Leerhorizont*], que estava entrelaçado com a aparência como apercepção, cria de modo parcial o seu próximo preenchimento (cf. HUSSERL, 1966, pp. 12, 336-337). Em todo caso, conforme foi dito anteriormente, há horizontes aperceptivos, tipos de intenções aperceptivas que, segundo as leis essenciais da vida consciente, surgem em todos os pontos do fluxo da consciência¹⁰. A teoria da consciência é, por assim dizer, a teoria das apercepções em que o fluxo da consciência é um fluxo de gênese constante, não uma mera sucessão de coisas uma após a outra [*Nacheinander*]. Por um lado, descritivamente concebemos o contexto das apercepções em que um mesmo objeto se constitui eidicamente, mostrando-se como aquilo que é vivenciado em sua individualidade constituída.

3. HORIZONTE FENOMENOLÓGICO E ATO DE PERCEPÇÃO: OS CAMPOS DE SENSACÃO

Nesse contexto, a estrutura essencial da horizontalidade fenomenológica é fundamental e não deve ser compreendida de modo vago ou superficial, pois ela é uma certeza pressuposta que necessita de clarificação. Nesse ponto da análise, é necessário entender que, aquilo que foi nomeado como pano de fundo deve então ser compreendido a partir da noção de horizontalidade. Assim, a partir dos apontamentos de Husserl na Husserliana XI, *Análises sobre a síntese passiva*,

¹⁰ Como nos lembra Jacques Derrida ([1990] 2004, p. 113), a apercepção psicológica que “apreende as experiências vividas como estados psíquicos de pessoas empíricas, de sujeitos psicofísicos, e descobre nelas sequências puramente psíquicas ou psicofísicas, que se ligam as leis naturais do devir, das formações e transformações das experiências psíquicas, essa apercepção psicológica é bem diferente da apercepção fenomenológica”.

temos que,

cada fase momentânea da percepção é em si uma estrutura de intenções parcialmente cheias [*vollen*] e parcialmente vazias. Porque em cada fase temos a aparição propriamente dita [*eigentliche Erscheinung*], e isso é intenção preenchida, mas apenas gradualmente preenchida, pois há um horizonte interior de incompletude e uma indeterminação ainda definível. Além disso, no entanto, cada fase tem um horizonte externo completamente vazio que tende ao preenchimento [*Erfüllung*] e, em transição, a uma determinada direção de progresso a partir de então no modo de pré-expectativa vazia [*Weise der leeren Vorerwartung*] (HUSSERL, 1966, p. 8). [...] A parte duradoura [*bleibende*] não preenchida [*unerfüllt*] do horizonte funde-se com o horizonte da nova aparição [*Erscheinung*] [...]. No processo, o que já havia aparecido do objeto é parcialmente perdido [*verliert*] novamente à medida que avança a partir da aparição dada, o que é visível [*Sichtige*] torna-se não visível [*unsichtig*] novamente. Mas não está perdido. Permanece retentivamente consciente e na forma em que o horizonte vazio da aparição, é a direção atual [*die gerade aktuell ist*], recebe agora um novo esboço preliminar [*Vorzeichnung*] que remete [*verweist*] definitivamente ao que já foi dado como algo presente [*Mitgegenwart*]. Se vi as costas e voltei à frente, o objeto da percepção [*Wahrnehmungsgegenstand*] recebeu para mim uma determinação de sentido [*Sinnesbestimmung*] que, mesmo no vazio, remete ao que vi antes (HUSSERL, 1966, p. 12).

A consciência de horizonte é descrita por Husserl de modo distinto a intencionalidade de ato e o seu “estar dirigido a” um objeto de maneira ativa. Portanto, horizonte significa um modo de consciência intencional, mas no sentido de orientação (cf. WALTON, 2015, p. 121)¹¹. Assim tratado, no ato de percepção, “o objeto atencional inclui sempre um horizonte de potencialidades, de conteúdos de consciência dados não tematicamente, que só se deslocam para o centro da atenção sob certas condições” (BREYER, 2010, p. 36).

Conforme vimos na citação acima, no horizonte perceptivo existe um fundo despercebido dos objetos da percepção para o sujeito. De algum modo, isso está implícito à percepção, que nos apresenta aquilo que está explícito ou imediatamente disponível, pois o implícito também pertence ao que é percebido. Em contraste, o que passa despercebido, ou seja, o que não é notado em si mesmo, mas está dentro do horizonte da percepção, aparece como um limite, como ausência de clareza (cf. HUSSERL, 2004, p. 98).

O que ocorre nesse caso são diferenças de clareza e nitidez. Contudo, é válido destacar que sempre podemos redirecionar o nosso “olhar”, mudando constantemente de perspectiva, visando o que se apresenta no fundo. Assim, o objeto que conscientemente é percebido como o mesmo possui simultaneamente a possibilidade de enriquecimento do seu significado, uma vez que esse processo de expansão carrega em si um “horizonte aberto constante, relacionado a possibilidades e expectativas para enriquecimentos sempre novos” (HUSSERL, 2000, p. 17).

Por outro lado, na análise genética da constituição, temos que os níveis inferiores da “gênese da consciência” [*Bewusstseinsgenese*], bem como os diversos processos que constantemente são “despercebidos”, “co-funcionam” em

¹¹ De acordo com Klaus Held (1972, p. 18), historicamente, a descoberta da consciência de horizonte foi a razão para Husserl investigar a gênese da vida consciente.

comunhão com as realizações ativas da consciência e são caracterizados como passivos, ou seja, ocorrem sem a participação efetiva do ego. Husserl escreveu uma quantidade considerável de textos nos quais o tratamento genético da sensação se faz presente. O método genético revela, para além da forma universal do tempo, outros graus de constituição passiva nos quais o dado hilético é fundamental.

Há aqui outro domínio que, por assim dizer, se transfere da dimensão ativa da consciência para a passiva em relação a certas ressignificações feitas por Husserl. Trata-se da sutil distinção que se impõe aos atos de percepção, entre o primeiro plano [*Vordergrund*] e a incorporação de dados hiléticos ao contexto de fundo [*Hintergrund*]. Nessas análises, como nos lembra Rabanaque, o fundo é tomado como hilético na medida em que o ego não é dirigido a ele de forma atencional. Assim, essa noção de fundo é explicada em termos de “campos de sensação” [*Sinnesfelder*] constituído por sínteses passivas (RABANAQUE, 1993, pp. 7-8). Nesse contexto, Klaus Held aponta que a consciência é dependente do encontro com algumas determinações de conteúdo que seriam os momentos da *hyle*. Dito isso, temos que a consciência encontra originalmente tais determinações hiléticas antes mesmo de todas as referências explícitas a objetos, uma vez que, dentro dos campos de sensação, certas diferenças ou semelhanças entram em relevo (cf. HELD, 2010, p. 97).

4. A IMPORTÂNCIA FENOMENOLÓGICA DA ATENÇÃO

Ao longo de seu trabalho filosófico, Husserl tentou explicar a complexidade da atenção e propôs uma nova concepção dela, a saber, uma fenomenologia da atenção. No § 22 das *Investigações Lógicas* (*Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*), Husserl deixa claro que responder: o que é a atenção?, implica a necessidade de “clarificar a essência da atenção” (HUSSERL, [1901] 1913, 2015, p. 135).

Husserl esclarece que na unidade da consciência cada mudança de atenção no “voltar-se para” significa a continuidade intencional fundada junto à unidade do objeto constituído e captável. Nesse sentido, a atenção é um decurso de diferenças na consciência que privilegia determinados objetos e apresenta os diversos momentos perceptivos que convergem para uma e a mesma coisa visada em sua unidade.

A atenção é uma qualidade dos atos intencionais. Ela se direciona intencionalmente a uma objetividade. O modo atencional que nos interessa nesse momento do artigo é o ativo, dotado de uma dimensão explorativa, uma vez que quando o “raio de atenção” [*Rayon der Aufmerksamkeit*] é direcionado de modo objetivante no ato perceptivo e continuamente sobre aquilo que foi retido, temos a possibilidade de acessar com maior clareza o idêntico reproduzido, através da rememoração, ou seja, é a partir desse direcionar atento do “olhar objetivante”, que podemos acessar repetidamente na recordação a unidade desta “cadeia” perceptiva (cf. HUSSERL, [1928] 2017, p. 195).

Retomando os §§ 17 ao 29 da obra, *Percepção e Atenção*, fica evidente que aquilo que é vivenciado como atenção está realmente ligado ao conteúdo da percepção. Entretanto, devemos evitar uma certa confusão de domínios entre

os atos intencionais e a atitude de atenção. Não podemos confundir a atenção com a percepção ou com a intencionalidade. Portanto, quando nos referimos a atenção, preferimos falar de objetos notados, experiências notadas, onde esses são os objetos (cf. HUSSERL, 2004, p. 87). De acordo com Husserl (2004, p. 102), “eu estou atento quando estou em um estado de consciência caracterizado de tal e tal maneira, e posso me convencer da singularidade que vivenciei através da simples percepção”.

Husserl [(1901) 1913, 2015, p. 139] afirma que a atenção é “uma função iluminante e pontuadora”. Ademais, é necessário então distinguir a esfera do notado [*bemerkt*] daquela do não notado [*unbemerkt*] evitando ambiguidades. Para tanto, o conceito do não notado inclui o que é ignorado, mas também o que é notado em nuance, no pano de fundo e que ainda não é visto por si mesmo. Portanto, o que passou despercebido deve estar imediatamente disponível à percepção. De toda forma, a atenção pertence às condições favoráveis da percepção. Como nos mostra Husserl (2004, p. 93), “de pé na plataforma, não podemos ignorar o apito estridente da locomotiva que se aproxima, nem ignorar os relâmpagos na noite escura”.

A atenção, como aponta Thiemo Breyer, é um modo de modificação intencional em que o ego se dirige aos objetos. Todo objeto da intencionalidade pode ou não se tornar um objeto atencional, por essa razão, a atenção é baseada na intencionalidade, mas não se confunde com ela. As vivências intencionais no modo atencional são aquelas em que nos voltamos ao objeto com interesse de destacá-lo (cf. BREYER, 2010, p. 36).

As vivências intencionais carentes de atenção são aquelas nas quais temos a consciência de fundo ou horizonte. O fundo neste caso não se encontra no centro da atenção. Husserl diferencia dentre os modos de atenção, a primária e a secundária. O que é efetivamente notado no modo da atenção primária está totalmente no foco da consciência atencional, enquanto o que é secundariamente notado não está diretamente em foco.

Bruce Bégout (2007, p. 19) aponta que nessa relação dos objetos com a atenção primária e secundária temos que, “o campo da consciência abrange então dois lugares principais, o lugar central ocupado pela atenção primária e o lugar periférico ocupado pela atenção secundária”. Contudo, os “holofotes” da atenção primária, tornam os objetos “plenamente presentes e vívidos”. Os objetos circundantes, secundariamente notados, “estão aqui relacionados à consciência como correlatos intencionais, mas não são apreendidos ou apontados como características relevantes da nossa percepção” (BÉGOUT, 2007, p. 19).

Ampliando essa notação, tudo aquilo que podemos visar já se encontra no campo perceptivo, desde o primeiro momento. Em todo caso, a atenção, devido a sua particularidade, parece favorecer ou não alguns detalhes dos atos intencionais, uma vez que a atenção almeja o “claro e distinto”, ou seja, os objetos facilmente perceptíveis. Entretanto, o indistinto, aquilo que é difícil de perceber, até pode ser notado com o direcionamento da atenção, mas nesse caso, a atenção sozinha não é capaz de tornar as coisas mais claras.

Obviamente, uma análise mais precisa pode mostrar que a atenção contribui para a realização progressiva daquilo que percebemos e retemos, pois ela nos proporciona as condições favoráveis. Como nos mostra Dorion Cairns (2013, p. 196), “o objetivo do esforço atencional é, então, o próprio objeto em todas as

suas determinações e formas de doação, e em todas as suas relações com outros objetos”. Em particular, a atenção a um objeto retido como “duradouro” não é uma seriação de atenções momentâneas às fases temporais do objeto, mas uma atenção duradoura e contínua.

Em todo caso, é inequívoco que se a atenção é considerada uma fonte especial de clareza, a criação de uma clareza última é considerada aqui uma função peculiar da atenção. A clareza é decisiva na fenomenologia. De fato, fala-se de claro e distinto não apenas em um sentido que atribui esses predicados aos próprios objetos perceptivos, mas também quanto àquilo que designa o perceber, ou seja, o perceber como claro e distinto, ou seja, a evidência. Portanto, a investigação das realizações ativas do ego, através das quais surgem as estruturas do real e verdadeiro, se movem por meio da atenção. Como nos mostra Husserl, “prestar atenção é, por assim dizer, a ponte [*Brücke*] para a atividade” (HUSSERL, 2000, p. 4), é, portanto, o início de uma progressão do modo constante de cumprimento da consciência: toda atividade efetiva, real, genuína e verdadeira ocorre no campo da atenção.

Resta-nos acrescentar que grande mola propulsora da atenção, não nos resta dúvida, é o interesse. O interesse é “a força motriz da objetivação ativa” (HUSSERL, 2000, p. 17)¹². De acordo com Husserl ([1901] 1913, 2015, p. 130),

como quer que a atenção possa ser caracterizada, ela é uma função que, de um modo descritivo peculiar, salienta os objetos da consciência e também só se distingue (não contando com certas diferenças graduais), de caso para caso, por meio dos objetos aos quais confere preferência¹³.

Na fenomenologia husserliana, o interesse é inter-relacional. Deve-se notar que na unidade do objeto percebido existe sempre um interesse uniforme e intenso, cuja intensidade se baseia em grande parte na extensão daquilo que é vivenciado, visto que, o interesse coincide, assim, exatamente com o ato unificado de percepção (cf. HUSSERL, 2004, p. 105). Portanto, o interesse possui a capacidade de promover o que é notado quando se articula com as percepções sempre renovadas, que por sua vez despertam e articulam novos interesses (cf. HUSSERL, 2004, p. 108).

Apartir disso, temos que o interesse é um momento inerente a toda percepção. Na transição perceptiva de uma para outra coisa diferente, na mudança de “olhar” ocorre, por assim dizer, uma certa descontinuidade de interesse, que só pode ser

12 De acordo com Natalie Depraz (2010, p. 157), o interesse possui “uma função epistemológica na fenomenologia de Husserl e também é referido como uma ‘força que exige atenção’ (XXXVIII, 108) ou como o ‘motor do processo de conhecimento’ (XXXVIII, 112). Como tal, alinha-se com o ideal de evidência, ou seja, com a adequada autodoação do objeto na experiência, e em virtude de sua propulsão, podem ser percorridas séries crescentes de preenchimento”.

13 *Sobre o tema da atenção, ver também os §§ 18-23 da segunda Investigação Lógica, Hua XIX/I (Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis) e os §§ 17-29 da Hua XXXVIII, Percepção e Atenção (Wahrnehmung und Aufmerksamkeit). Sobre o tema do interesse, ver os §§ 23, 25-27 e o Apêndice II da Hua XXXVIII e na Hua XXXI, Aktive Synthesen: Aus der Vorlesung Transzendente Logik 1920/21. Ergänzungsband zu Analysen zur passiven Synthesis, ver na Lição sobre Lógica Transcendental 1920/1921 os §§ 4 e 5.*

reintegrado mediante um contexto objetivo. Assim, os objetos individuais estão integrados pela correspondente unidade de interesse organicamente estruturado e relacionado a esse contexto.

Onde há este desvio do “olhar” em que objetos novos ou diferentes vêm à seriação da percepção e “ficam juntos”, ocorrem interesses inter-relacionados e abrangentes que os fazem co-pertencer uns aos outros (cf. HUSSERL, 2004, p. 99). Na medida em que o interesse atua como algo dirigido ao conhecimento, ele cria pré-condições para estágios ou formas de conhecimento sempre novas e diferentes (cf. HUSSERL, 2000, p. 18). Dito isto, em um sentido mais amplo, o interesse possibilita uma aproximação gradual de um objeto do conhecimento (cf. DEPRAZ, 2010, pp. 157-158).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo adentramos na esfera básica da constituição iniciando a análise descritiva fenomenológica (estática) pela percepção, devido à “simplicidade” e relevância do ato sintético perceptivo para a fenomenologia de Husserl. A partir disso, identificamos simultaneamente a necessidade de destacarmos a importância da atenção. Porquanto, na análise genética (explicativa) posterior sinalizamos que para além da relação fundacional entre atos fundantes e fundados, observa-se que a gênese passiva é fundamental ao processo perceptivo, pois é a partir dela que as múltiplas aparências perceptivas se relacionam, uma vez que a aparição [*Erscheinung*] atual de um objeto é motivada pela aparição anterior. O objetivo aqui é melhorar o ideal de doação daquilo que nos aparece. Além disso, ressaltamos a importância dos campos de sensação e daquilo que é passivamente experienciado no processo originário da consciência.

REFERÊNCIAS

Primária:

- Husserl, Edmund. *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. vol. 2, parte 1. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos A. Morujão. Rev. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense, ([1901] 1913, 2015).
- Husserl, Edmund. *Investigações Lógicas: Sexta Investigação: Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento*. vol. 2, parte 2. Trad. Zeljko Loparić e Andréa M. A. C. Loparić. São Paulo: Abril Cultural, ([1901] 1921, 1975).
- Husserl, Edmund. *Lições para uma Fenomenologia da Consciência interna do Tempo*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rev. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, ([1928] 2017).
- Husserl, Edmund. *Analysen zur passiven Synthesis. Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten, 1918-1926*. Ed. Margot Fleischer. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966.
- Husserl, Edmund. *Aktive Synthesen: Aus der Vorlesung „Transzendente Logik“ 1920/21. Ergänzungsband zu „Analysen zur passiven Synthesis“*. Ed. Roland

Breuer. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000.

Husserl, Edmund. *Wahrnehmung und Aufmerksamkeit. Texte aus dem Nachlass (1893-1912)*. Ed. Thomas Vongehr e Regula Giuliani. New York: Springer, 2004.

Secundária:

- BÉGOUT, Bruce. *Husserl and the Phenomenology of Attention*. In: *Rediscovering Phenomenology: Phenomenological Essays on Mathematical Beings, Physical Reality, Perception and Consciousness*. Ed. Luciano Boi, Pierre Kerszberg, Frédéric Patras. *Phaenomenologica*, vol. 182. Netherlands: Springer, 2007. pp. 13-32.
- BERNET, Rudolf. *Perception as a Teleological Process of Cognition*. In: *Edmund Husserl Critical Assessments of Leading Philosophers - The Nexus of Phenomena: Intentionality, Perception and Temporality*. Vol. III, parte V. Ed. Rudolf Bernet, Donn Welton e Gina Zavota. New York e Canada: Routledge, 2005. pp. 159-171.
- BREYER, Thiemo. „Aufmerksamkeit“. In: GANDER, Hans-Helmuth. *Husserl-Lexikon* (Ed.). Darmstadt: WBG, 2010. pp. 36-38.
- CAIRNS, Dorion. *The Philosophy of Edmund Husserl*. Ed. Lester Embree. *Phaenomenologica*, vol. 207. Dordrecht, Heidelberg, New York, London: Springer, 2013.
- DEPRAZ, Natalie. In: GANDER, Hans-Helmuth. *Husserl-Lexikon* (Ed.). Darmstadt: WBG, 2010. pp. 157-158.
- DERRIDA, Jacques. *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. França: Presses Universitaires de France, ([1990] 2004).
- HELD, Klaus. *Das Problem der Intersubjektivität und die Idee einer phänomenologischen Transzendentalphilosophie*. In: *Perspektiven transzendentalphänomenologischer Forschung*. Ed. Klaus Held e Ulrich Claesges. *Phaenomenologica*, vol. 49. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1972. pp. 3-60.
- HELD, Klaus. *Phenomenology of “Authentic Time” in Husserl and Heidegger*. In: *On Time - New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time*. Trad. Alexander Heine. Ed. Dieter Lohmar, Ichiro Yamaguchi. *Phaenomenologica*, vol. 197. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2010. pp. 91-114.
- HOLENSTEIN, Elmar. *Phänomenologie der Assoziation. Zu Struktur und Funktion eines Grundprinzips der Passiven Genesis Bei E. Husserl*. *Phaenomenologica*, vol. 44. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1972.
- RABANAQUE, Luis Román. *Campo de trasfondo y dato Hyletico*. *Agora, Santiago de Compostela*, vol. 12, n.º 2, pp. 7-21, 1993. Disponível em: <minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/1033>. Acesso em: 08/10/2021.
- RANG, Bernhard. *Repräsentation und Selbstgegebenheit: die Aporie der Phänomenologie der Wahrnehmung in den Frühschriften Husserls*. In: *Edmund Husserl Critical Assessments of Leading Philosophers - The Nexus of Phenomena: Intentionality, Perception and Temporality*. Ed. Rudolf Bernet, Donn Welton e Gina Zavota. Vol. III, parte V. New York e Canada: Routledge, 2005. pp. 125-144.
- RICHIR, Marc. *Intentionnalité et temporalisation. Penser avec Desanti – Dir. D. Pradelle et F-D. Sebbah – T.E.R. – octobre 2010* – pp. 214-219. Disponível em: <www.sachacarlson.com/post/www-laphenomenologierichirienne-org>. Acesso em: 12/02/2022.
- TROTIGNON, Pierre. *The End and Time*. In: *The teleologies in Husserlian phenomenology*. Ed. Anna Teresa Tymieniecka. *Analecta Husserliana*, vol. 9. Holland, U.S.A, England: Reidel Publishing Company, 1979. pp. 301-315.
- VALDINOCL, Serge. *Phénoménologie et Téléologie*. In: *The teleologies in Husserlian phenomenology*. Ed. Anna Teresa Tymieniecka. *Analecta Husserliana*, vol. 9. Holland, U.S.A, England: Reidel Publishing Company, 1979. pp. 169-182.
- WALTON, Roberto. *Intencionalidad y Horizonticidad*. Bogotá: Editorial Aula de

Humanidades, 2015.

ZAHAVI, Dan. *Inner (Time-)Consciousness*. In: *On Time - New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time*. Ed. Dieter Lohmar, Ichiro Yamaguchi. *Phaenomenologica*, vol. 197. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer, 2010. pp. 319-339.